

CRISE FINANCEIRA. Segundo estudo da FGV, primeiro quadrimestre de 2009 foi cruel para as camadas mais ricas do País

Renda das classes A e B cai 8,7%

DO RIO

A crise econômica global atingiu em cheio o bolso dos brasileiros mais ricos. De janeiro a abril, a renda média das pessoas das classes A e B nas principais regiões metropolitanas caiu 8,7% em termos reais, ante igual período de 2008, saindo de R\$ 2.637 para R\$ 2.407. Em 2008, a renda das classes A e B já havia caído 7,01%, ante 2007. Na visão do economista Marcelo Neri, que calculou estes números, a queda em 2008 deve ter sido influenciada pelos meses após a crise global, iniciada em setembro.

A boa notícia, nesse levantamento feito por Neri, que chefiou o Centro de Política Social (CPS) da Fundação Getúlio

Vargas (FGV), é que a classe C, muito atingida em janeiro, se recuperou. Um estudo anterior de Neri mostrava que, apenas em janeiro, a classe C tinha perdido, para as classes D e E, 11% de todo o seu crescimento em tamanho no governo Lula.

Os novos números fazem parte de um estudo de natureza diferente, que revela o salário médio por classe, e não o tamanho de cada uma. O trabalho mostra que a renda média das pessoas de classe C cresceu 3,9% de janeiro a abril deste ano, comparada com os mesmos meses de 2008, subindo de R\$ 625 para R\$ 649.

Em 2008, já havia aumentado 6,12%. Coerentemente com

esse resultado, a classe C já representava, na última semana de abril, 53,6% da população das regiões metropolitanas, depois de ter caído de 53,81% para 52,64% apenas em janeiro.

O cálculo do novo estudo de Neri também toma por base a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), feita nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

Para o economista, uma das principais razões pelas quais a turbulência está atingindo mais fortemente os mais ricos são as próprias características da crise global.

Ela se iniciou no sistema financeiro dos países ricos e depois se transmitiu ao setor real dessas economias centrais. No Brasil, a transmissão ocorreu, num primeiro momento, no próprio sistema financeiro, e em seguida nos segmentos da

nossa economia que transacionam com o mundo desenvolvido, onde está situado o verdadeiro centro da crise.

EXPORTAÇÕES

Neri explica que o setor exportador tende a ser o mais moderno da economia e, por isso, tem em geral pessoas com rendimentos mais altos do que a média, que acabaram sendo as mais afetadas pela crise.

"Na Belíndia brasileira,

quem transaciona com o exterior são os belgas", ele diz, fazendo referência à expressão cunhada pelo economista Edmar Bacha, que divide o Brasil entre uma parte moderna (Bélgica) e uma atrasada (Índia).

A indústria também sofreu um impacto muito forte da redução das exportações, responsáveis por cerca de metade da queda da produção industrial a partir de setembro, segundo o (BNDES). (Agência Estado)

Desemprego em alta afeta os mais ricos

■ Tanto o nível do salário quanto o aumento do desemprego afetaram a renda média das classes A e B no primeiro quadrimestre do ano. O estudo da FGV decompõe a mudança na renda entre os componentes salário e ocupação. Isto é, como se trata da renda média de todo o grupo, tanto mudança do salário médio como o número de empregados afetam o resultado.

De janeiro a abril, a queda

real dos salários das classes A e B foi de 3,7%, dividida entre 3,52% de redução dos salários por hora trabalhada e de 0,18% de diminuição das horas trabalhadas.

Já a queda nos rendimentos por causa da menor ocupação foi de 5,3%. Isso se deveu ao crescimento do desemprego, de 4% para 7,3% e ao aumento das pessoas em idade de trabalhar, mas que não buscam trabalho - desocupadas, mas não desempregadas -, de 16,7% para 18,2%. É a combinação dos efeitos do salário e da ocupação que dá a redução de 8,7% na renda do trabalho das classes A e B, de janeiro a abril. (AE)



Classes mais altas, que lidam com dólares, ações e exportações, sentem mais o baque da crise mundial